

BEM-VINDO À FESTA



# INIGUALÁVEL

DA AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

ALYSON  
NOËL

INIGUALÁVEL

ALYSON  
NOËL

INIGUALÁVEL

BELOS ÍDOLOS  
VOLUME 1

TRADUÇÃO DE  
JOANA FARO

 HarperCollins *Brasil*

Rio de Janeiro, 2016

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235  
Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/831

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ  
N691i

Nöel, Alyson

Inigualável / Alyson Nöel ; tradução Joana Faro. - 2. ed. - Rio de Janeiro : HarperCollins Brasil, 2016.  
304 p. ; 23 cm.

Tradução de: Unrivaled  
ISBN 9788569514084

1. Ficção americana. I. Faro, Joana. II. Título.

16-31774

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

*Para Jackie e Michelle,  
minhas melhores amigas há tantas décadas que já perdi a conta!*

*Nem tudo que reluz é ouro.*

— WILLIAM SHAKESPEARE

# SUMÁRIO

Prólogo | Lost stars

Um | Hypocritical kiss

Dois | While my guitar gently weeps

Três | Reasons to be beautiful

Quatro | Celebrity skin

Cinco | Mental hopscotch

Seis | Long cool woman (in a black dress)

Sete | I can't get no (satisfaction)

Oito | Teenage dream

Nove | Summertime sadness

Dez | Mr. brightside

Onze | Royals

Doze | I wanna be sedated

Treze | Everybody wants to rule the world

Quatorze | Sex and candy

Quinze | Young and beautiful

Dezesseis | Blurred lines

Dezessete | Go hard or go home

Dezoito | The politics of dancing

Dezenove | Wicked game

Vinte | Lips like sugar

Vinte e um | Sunday bloody sunday

Vinte e dois | Ghost in the machine

Vinte e três | Suicide blonde

Vinte e quatro | Know your enemy

Vinte e cinco | Shades of cool

Vinte e seis | Show me what I'm looking for

Vinte e sete | Back door man

Vinte e oito | Work b\*\*ch

Vinte e nove | Gold on the ceiling

Trinta | Nothing else matters

Trinta e um | Destination unknown

Trinta e dois | This is how a heart breaks

Trinta e três | How to save a life

Trinta e quatro | Like a virgin

Trinta e cinco | Just a girl

Trinta e seis | Breaking the girl

Trinta e sete | Bigmouth strikes again

Trinta e oito | Are you happy now?

Trinta e nove | Bullet with butterfly wings

Quarenta | Wake me up when september ends

Quarenta e um | Blow me (one last kiss)

Quarenta e dois | The hand that feeds

Quarenta e três | Another way to die

Quarenta e quatro | The sweet escape

Quarenta e cinco | Nowhere girl

Quarenta e seis | Glory and gore

Quarenta e sete | Californication

Quarenta e oito | Shake it off

Quarenta e nove | Shut up and dance

Cinquenta | Hips don't lie

Cinquenta e um | Don't save me

Cinquenta e dois | Paranoid

Cinquenta e três | Missing pieces

Cinquenta e quatro | Runnin' down a dream



Cinquenta e cinco | Pictures of you

Cinquenta e seis | Goodbye to you

Cinquenta e sete | Bang bang

Agradecimentos

Extras:

Booktrailer

Bate-Papo com Alyson Noël

Elogios sobre Inigualável

Conheça as capas internacionais

## PRÓLOGO

# LOST STARS

A pesar da enxurrada de turistas que invade as calçadas ano após ano, o melhor jeito de olhar para o Hollywood Boulevard é com lentes escuras e baixas expectativas.

A julgar pela fileira de prédios velhos, um mais acabado do que o outro, pelas lojas bregas de souvenirs que vendem Marilyn's de plástico com o vestido branco esvoaçante e pelo aparentemente interminável fluxo de viciados, fugitivos e transeuntes sem nenhum glamour, as massas bronzeadas e de tênis brancos logo percebem que a LA que procuram não existe ali.

Em uma cidade que se alimenta de juventude e beleza, o Hollywood Boulevard mais parece uma ex-estrela de cinema decadente. O sol incessante é uma companhia dura e brutal, empenhada em destacar cada ruga, cada marca da idade.

Mas, para quem sabe onde procurar (e para quem é sortudo o bastante para conseguir entrar na lista), também é um oásis das noites mais quentes da cidade. É uma espécie de refúgio hedonista para os jovens, lindos e ricos.

O Boulevard era tudo o que Madison Brooks sonhara. Talvez não parecesse em nada com o globo de neve que tinha quando era criança, que despejava quadradinhos de glitter dourado sobre uma versão em miniatura do letreiro de Hollywood, mas ela nunca havia esperado isso. Ao contrário dos turistas sem noção, que achavam que iam encontrar sua celebridade preferida parada ao lado da respectiva estrela na Calçada da Fama, distribuindo autógrafos e abraços a todos que passassem, Madison sabia exatamente o que tinha pela frente.

Ela investigara.

Não havia deixado nada ao acaso.

Afinal de contas, quando se planeja uma invasão, é melhor se familiarizar com o terreno.

E agora, poucos anos depois de sair daquela estação de ônibus suja no centro de LA, seu rosto estava na capa de quase todas as revistas e outdoors. A cidade era oficialmente sua.

Embora a jornada fosse muito mais difícil do que ela deixava transparecer, Madison conseguia superar as expectativas de todos, menos as próprias. A maioria das pessoas

apenas torcia para que ela sobrevivesse. Ninguém de sua vida antiga imaginava que iria disparar diretamente até o topo e se tornar tão conhecida, elogiada e bem relacionada a ponto de dispor de acesso total e inquestionável a uma das boates mais famosas de LA, mesmo depois de fechada.

Em um raro momento de privacidade, Madison foi até a beira do terraço vazio da Night for Night. Os saltos de seus Gucci deslizaram graciosamente pelo piso de pedra lisa, ela colocou a mão no peito e fez uma reverência para a cidade, imaginando aquelas luzes que piscavam como uma plateia de milhões, com celulares e isqueiros erguidos para celebrá-la.

O momento a fez lembrar de uma brincadeira parecida que fazia quando era criança. Na época em que elaborava altas performances para uma multidão de bichos de pelúcia encardidos com pelos embolados e membros arrancados. Seus olhos de botão, monótonos e vidrados, miravam a imagem de Madison, que cantava e dançava. Aqueles ensaios incansáveis a prepararam para o dia em que os brinquedos de segunda mão seriam substituídos por fãs reais e histéricos. Nem por uma vez ela duvidou de que seu sonho se tornaria realidade.

Não foi esperando, desejando ou dependendo dos outros que Madison tinha se tornado a maior celebridade de Hollywood. Disciplina, controle e uma determinação férrea haviam guiado sua ascensão. Embora a mídia adorasse retratá-la como uma garota frívola e baladeira (ainda que tivesse grande talento para atuar), por trás das manchetes indecentes havia uma jovem poderosa que havia assumido o controle e dominado seu destino.

Não que ela fosse admitir uma coisa dessas. Era melhor deixar todos pensando que era mesmo uma princesa cuja vida fluía sem esforço. A mentira formava um escudo que protegia a verdade. Aqueles que se atreviam a arranhar a superfície desse escudo nunca chegavam muito longe. A estrada para o passado de Madison tinha tantos bloqueios que até o jornalista mais determinado eventualmente admitia a derrota, escrevendo sobre sua beleza sem igual; seu cabelo da cor de avelãs aquecidas em um dia frio de outono (descrição do cara que recentemente a entrevistara para a *Vanity Fair*). Ele também dissera que seus olhos violeta eram sombreados por uma suntuosa nuvem escura de cílios usada ora para revelar ora para esconder. E talvez houvesse até algum comentário sobre sua pele perolada, iridescente ou algum outro adjetivo que significasse radiante...

Engraçado como, ao começar a entrevista, ele se comportara tal qual um jornalista calejado, certo de que conseguiria acabar com ela. Convencido de que que a enorme diferença de idade entre eles — ela com 18, e ele já saindo dos quarenta (decrépito, em comparação) — e seu QI superior (presunção dele, não dela) garantiriam que a convenceria a revelar algo lamentável que mandaria sua carreira ladeira abaixo, acabou saindo do encontro totalmente frustrado, senão um pouco apaixonado. Assim como todos os que o tinham precedido, admitiu a contragosto que havia algo de diferente em Madison Brooks. Ela não era uma aspirante a estrela qualquer.

Ela se inclinou mais noite adentro, passou os dedos nos lábios e arqueou o braço, mandando vários beijos para os fãs imaginários tremeluzindo e cintilando lá embaixo. Absorta pela alegria desenfreada de tudo o que tinha conseguido, ergueu o queixo, triunfante, e soltou um grito tão estrondoso que abafou a incessante trilha sonora do trânsito e de sirenes lá embaixo.

Era bom se soltar.

Permitir-se, por um breve instante, ser louca e indomável como era na infância.

— Eu consegui! — sussurrou para si mesma, para os fãs brilhando a distância, mas sobretudo para os que tinham duvidado dela e até tentado impedi-la.

Ao repetir, deixou vir à tona o surpreendente agudo anasalado — sotaque que abandonara havia muito tempo —, admirada ao ver como era fácil invocar aquela voz; outra reminiscência do passado da qual nunca conseguia escapar completamente. A julgar pela forma irresponsável com que tinha se comportado mais cedo, não sabia se queria.

A lembrança do cara que tinha beijado ainda estava fresca em sua boca. Pela primeira vez em muito tempo, ela se permitira relaxar o suficiente para baixar a guarda e revelar a garota que realmente era.

Mesmo assim, era inevitável se perguntar se havia cometido um erro.

Esse pensamento por si só já a desanimava bastante, mas uma rápida olhada em seu Piaget cravado de diamantes lhe deu um motivo real para se preocupar.

A pessoa que ela ia encontrar já deveria ter chegado, e seu atraso, aliado ao silêncio da boate fechada e vazia, estava começando a parecer muito mais sinistro que libertador. Apesar do calor da noite californiana, ela envolveu o corpo com o xale de caxemira. Se havia algo que causava calafrios em Madison era a incerteza. Manter o controle era tão necessário quanto respirar. E ainda assim ali estava ela, analisando a mensagem que ele tinha enviado.

Se a notícia fosse boa como ele afirmara, ela deixaria o incômodo para trás e nunca mais pensaria no assunto.

Se não... Bom, ela também tinha um plano para esse caso.

Só esperava não chegar a esse ponto. Odiava confusões.

Fechando os dedos delicados em torno do fino parapeito de vidro, a única coisa que a separava de uma queda de doze metros, ela olhou para o céu, tentando encontrar uma estrela que não fosse um avião. Mas só existia um tipo de estrela em LA.

Embora em geral se esforçasse para não pensar no passado, naquela noite, por aquele breve momento, Madison se permitiu voltar a um lugar onde havia muitas estrelas de verdade.

Um lugar que era melhor ficar enterrado.

Uma brisa passou por seu rosto, trazendo o som de passos leves e um cheiro estranhamente familiar que ela não conseguiu identificar. Mesmo assim, esperou um instante antes de se virar, roubando o momento para fazer um pedido a uma estrela cadente que confundira com um avião. Cruzou os dedos enquanto a estrela queimava traçando um amplo arco cintilante pelo céu de veludo negro.

Ia ficar tudo bem.

Não havia motivo para preocupação.

Ela se virou, pronta para enfrentar o que fosse. Estava dizendo a si mesma que podia lidar com aquilo de um jeito ou de outro quando uma mão fria e firme tapou sua boca, e Madison Brooks desapareceu.

UM MÊS ANTES

UM

## HYPOCRITICAL KISS

Layla Harrison não conseguia parar de se mexer. Primeiro se afundou na cadeira de praia, enfiando os pés bem fundo na areia. Depois, foi se remexendo para cima até bater com os ombros na parte superior da cadeira, antes de finalmente desistir e olhar com os olhos semicerrados para o mar, onde seu namorado, Mateo, esperava a próxima boa onda. Uma atividade entediante que sempre causava nele uma interminável carga de felicidade que ela não conseguia entender.

Por mais que o amasse, e de fato o amava (caso contrário, seria louca: ele era lindo, sexy e fofo), após passar as últimas três horas fugindo do sol sob a barraca gigante enquanto se esforçava para escrever uma matéria decente com a dose certa de humor e sarcasmo, desejava que Mateo encerrasse o expediente e começasse a remar pelo longo caminho de volta.

Estava na cara que seu namorado nem imaginava como era desconfortável ficar sentada por horas a fio numa cadeira de praia velha e bamba que ele tinha lhe emprestado. E como poderia imaginar? Ele nunca a usara. Estava sempre em sua prancha, zen, lindo e completamente em paz, enquanto Layla fazia tudo o que podia para bloquear a luz de Malibu. A barraca gigante em que se escondia era só o começo.

Sob o volumoso casaco com capuz e a toalha extra que havia colocado sobre os joelhos, usava uma boa camada de filtro solar. E, claro, nunca saíria da sombra sem os enormes óculos escuros e o Fedora de palha amassado que Mateo tinha trazido de uma recente viagem de surfe à Costa Rica.

Para Mateo, o ritual de proteção dela era, no mínimo, inútil. “É impossível domar o meio ambiente”, dizia ele. “É preciso respeitá-lo, honrá-lo, seguir suas regras. É loucura pensar que você está no comando; a natureza sempre tem a palavra final.”

É fácil falar quando se tem uma pele imune a queimaduras solares e foi praticamente criado em uma prancha de surfe.

Ela voltou a seu laptop e franziu a testa. Escrever um blog cafona de fofocas sobre celebridades estava muito longe do sonho de uma matéria assinada por ela no *The New York Times*, mas Layla precisava começar de algum lugar.

## Arrested Development

Não, não estou falando da comédia cult inteligente-demais-para-a-TV-onde-os-produtores-estavam-com-a-cabeça (insira aqui um suspiro estou-cercado-de-idiotas), estou falando de um *arrested development* de verdade, gente, desenvolvimento interrompido. Do tipo que se vê em livros de Introdução à Psicologia (para vocês que, de fato, leem alguma coisa além de blogs de fofoca e posts no Twitter). Do tipo que esta que vos fala testemunhou ontem à noite no Le Château, onde três das beldades mais jovens de Hollywood, embora certamente não sejam as mais inteligentes, chegaram à conclusão de que azeitonas não serviam só para ficar sem fazer nada no fundo de uma taça de martíni...

— Ainda nessa? — Mateo estava diante dela; a prancha, debaixo do braço e os pés afundados na areia.

— Só estou fazendo umas mudanças de última hora — murmurou ela, observando-o largar a prancha na toalha, passar a mão pelo cabelo queimado de sol e água salgada e abrir o zíper da roupa. Ele abaixou tanto o traje que Layla não conseguiu deixar de engolir em seco diante da perplexa incapacidade de falar ao ver seu lindo namorado despido e reluzente.

Em uma cidade de egos inflados, excesso de vaidade e devotos do suco verde obcecados pelo corpo, a despreensão de Mateo em relação à própria beleza natural era tão rara que na maior parte do tempo Layla não conseguia imaginar o que ele via em uma magrela pálida e cínica feito ela.

— Posso ajudar? — Ele estendeu a mão para pegar a garrafa de água dela, dando a impressão de que tudo o que queria era ler sua opinião sobre três celebridades VIPs com a cara cheia de martínis reencenando as babaquices do ensino médio e jogando azeitonas em todos ao redor.

Típico Mateo. Ele era assim desde a noite em que se conheceram, pouco mais de dois anos antes, no aniversário de 16 anos dela. Ambos haviam ficado maravilhados ao descobrir que tinham nascido com apenas um ano e dez dias de diferença, e mesmo assim eram de signos diferentes (e basicamente opostos) por causa do dia do aniversário.

Mateo era sagitariano, o que o fazia dele um sonhador de espírito livre.

Layla era capricorniana, ou seja, ambiciosa e um pouquinho controladora — para quem acreditava nessas coisas. E, claro, Layla não acreditava. Era só uma estranha coincidência que no caso deles fosse verdade.

Ela lhe entregou o laptop e afundou ainda mais na cadeira. Ouvir Mateo ler seu trabalho em voz alta era sua versão pessoal do crack.

Aquilo favorecia seu processo. Ajudava-a a editar e aprimorar. Mas Layla tinha consciência suficiente para saber que, quando o assunto eram seus textos, ela era desesperada por elogios, e Mateo sempre encontrava algo agradável para dizer, por mais tosco que fosse o conteúdo.

Com a garrafa de água em uma das mãos e o MacBook Air apoiado na outra, ele começou a ler. Quando terminou, olhou para ela e perguntou:

— Isso é sério?



— Guardei uma azeitona como souvenir.

Ele apertou os olhos como se tentasse imaginar a guerra de comida das celebridades.

— Você tirou uma foto? — Ele devolveu o laptop.

Layla balançou a cabeça, parou para fazer um pequeno ajuste e clicou em “Salvar” em vez do habitual “Enviar”.

— O Château não abre brechas para fotos.

Mateo balançou a cabeça e esvaziou a garrafa de água em um único gole enquanto Layla o devorava com o olhar, sentindo-se uma pervertida por objetificar o namorado.

— Vai enviar? Parece que está pronto.

Ela enfiou o laptop na bolsa.

— Lembra que eu tenho falado em começar meu próprio blog, o Belos Ídolos? — Seu olhar provocante encontrou o dele. — Acho que este pode ser o post de estreia perfeito.

Ele mudou de posição e brincou com a tampa da garrafa.

— Layla, é uma matéria boa. — Ele falava como se escolhesse a dedo cada palavra. — É engraçada e pertinente, mas... — Deu de ombros, deixando o silêncio dizer o que ele não queria: não tinha o calibre do trabalho que ela era capaz de fazer.

— Eu sei o que você está pensando. — Ela se apressou em se defender. — Mas nenhuma das porcarias que escrevo se qualifica como notícia que vai mudar o mundo, e estou cansada de trabalhar por mixarias. Se quiser chegar lá sozinha, preciso começar de algum lugar. E ainda que o blog leve um tempo para ficar realmente conhecido, quando acontecer vou conseguir ganhar muito mais dinheiro só com a renda dos anúncios. Além disso, economizei mais que o suficiente para me sustentar até lá.

Essa última parte foi uma informação precipitada que podia ou não ser verdade. Mas soava bem, e pareceu convencer Mateo, já que sua primeira reação foi puxá-la da cadeira para seus braços.

— E o que exatamente você vai fazer com toda essa renda?

Ela passou um dedo pelo peito dele, ganhando tempo. Ela nunca comentara sobre seu sonho de estudar jornalismo em Nova York, e revelar isso criaria um momento constrangedor que ela preferia evitar.

— Bom, acho que a maior parte iria para o fundo monetário de burritos.

Ele sorriu e a abraçou pela cintura.

— A receita para uma vida feliz: você, ondas boas e um respeitável fundo monetário de burritos. — Ele encostou os lábios na ponta do nariz dela. — Por falar nisso... quando vou poder te ensinar a surfar?

— Provavelmente, nunca. — Ela permitiu que seu corpo se aninhasse ao dele, enfiando o rosto na curva do pescoço, onde sentiu uma essência inebriante de maresia, sol e profunda satisfação, complementada por um toque de honra, sinceridade e uma vida equilibrada. Era tudo o que Layla desejava ter, mesmo sabendo que nunca conseguiria, comprimido em uma única inspiração.

Ainda assim, apesar das enormes diferenças entre os dois, Mateo a aceitava como ela era, nunca tentava mudar sua cabeça ou fazer com que ela enxergasse as coisas a seu

modo.

Layla queria poder dizer o mesmo.

Quando ele colocou um dedo sob seu queixo e baixou a boca para encontrar a dela, Layla reagiu feito uma garota que tinha passado as últimas três horas esperando exatamente aquilo (e tinha mesmo). A princípio, o beijo foi suave, brincalhão; a língua de Mateo deslizando pela dela. Até que Layla roçou os quadris nos dele, retribuindo seu abraço com uma paixão que o fez gemer seu nome.

— Layla... *Nossa...* — As palavras saíam enroladas de seus lábios. — O que acha de encontrarmos um lugar para continuar isso aqui?

Ela enroscou a perna na dele, ficando tão agarrada quanto seu short jeans desfiado e a roupa de mergulho dele permitiam. Toda a sua atenção estava voltada para o calor que subia por seu corpo enquanto as mãos dele escorregavam por baixo de seu casaco. De tão embriagada com seu toque, ela o puxaria tranquilamente para a areia quente e dourada e montaria nele ali mesmo. Por sorte, Mateo teve o bom senso de se afastar antes que acabassem presos.

— Se nos apressarmos, a casa vai ser só nossa. — Ele estava com um sorriso calmo. Os olhos, pesados e fixos.

— Não, obrigada. — Layla o empurrou, cortando o clima na hora. — Na última vez, Valentina quase nos pegou. O pânico que senti diminuiu minha vida em uma década. Não quero correr esse risco de novo.

— Então você vai viver 140 em vez de 150. — Ele deu de ombros, tentando puxá-la de volta para perto, mas Layla ficou onde estava. — Gosto de pensar que vale a pena.

— Para você é fácil falar, Sr. Mestre Zen. — Era um dos muitos apelidos que ela lhe dera. — Vamos para a minha casa. Lá estaremos livres de irmãs mais novas, e mesmo que meu pai esteja no estúdio, não vai nos incomodar. Ele está muito envolvido com sua mais nova série de pinturas. Não que eu tenha visto. Só estou feliz por ele estar trabalhando. Faz uma eternidade que não vende um quadro.

Mateo estremeceu. Obviamente ainda queria ficar com ela, mas bastava a menção ao pai para seu entusiasmo evaporar.

— Não consigo me acostumar com isso. — Ele começou a guardar suas coisas, desmontando a barraca e enfiando-a na sacola. — É esquisito demais.

— Só para você. Não esqueça que o meu pai é declaradamente um boêmio de mente aberta que acredita na liberdade de expressão. E, o mais importante, confia em mim. E gosta de você. Ele acha que você me acalma.

Ela abriu um sorriso. Sem dúvida, era verdade. Então, jogando a bolsa no ombro, andou até o jipe preto de Mateo, onde pegou um panfleto sob o limpador de para-brisa e leu: “Neste verão, seja promotor da empresa Unrivaled Nightlife, de Ira Redman, e concorra a um prêmio inacreditável em dinheiro.”

Isso imediatamente despertou seu interesse.

Ela queria fazer faculdade de jornalismo em Nova York desde o primeiro ano do ensino médio. Embora estivesse muito animada por ter sido aceita, seria impossível

frequentar porque a mensalidade absurda, além, é claro, do alto custo de vida na cidade, eram um muro bloqueando seu caminho. E, como o atual colapso financeiro do pai durava mais que de o normal, pedir ajuda a ele estava fora de questão.

Sua mãe até poderia tranquilamente fornecer qualquer quantia de que Layla precisasse (correção: quem poderia fornecer era o *marido* rico dela; a mãe era apenas mais um zumbi de Santa Monica, arrastando-se entre a Soul Cycle e o Drybar). Mas o fato era que Layla e a mãe não se falavam havia anos, e não estava nos planos da menina mudar isso.

Quanto a Mateo, seu emprego como instrutor de surfe em um dos hotéis mais caros da orla não pagava muito (não que Layla fosse aceitar a ajuda dele mesmo). Sem falar que ela ainda não tinha lhe contado sobre esse objetivo em particular; basicamente porque ele ia fazer questão de ir junto. Por mais legal que fosse tê-lo por perto, acabaria sendo apenas uma distração. Mateo não compartilhava de sua ambição, e, por mais adorável que ele fosse, Layla se recusava a ser uma mulher que deixava um cara bonito impedi-la de realizar seus sonhos.

Ela analisou o panfleto outra vez. Um emprego como aquele podia ser exatamente aquilo de que ela precisava. A exposição à vida noturna de Hollywood lhe forneceria um material muito melhor, e quem sabe aonde poderia chegar?

Mateo se inclinou por cima do ombro dela e pegou o panfleto de suas mãos.

— Diz para mim que não está interessada nisso. — Ele se virou para vê-la melhor, estreitando os olhos castanhos enquanto Layla mordida o lábio em resposta, sem querer admitir que aquilo era a coisa mais interessante que acontecera naquele dia (além do beijo na praia). — Amor, acredite em mim, você não quer se envolver com isso. — A voz dele estava séria de um jeito que ela raramente ouvia. — Esse mundo de boates é, no mínimo, suspeito. Você se lembra do que aconteceu com o Carlos.

Ela olhou para os pés cobertos de areia. Estava completamente envergonhada por ter esquecido o irmão mais velho de Mateo, que tivera uma overdose na calçada de uma boate na Sunset Boulevard, do mesmo jeito que River Phoenix havia desmaiado diante da Viper Room, com a diferença de ninguém ter feito um santuário em sua homenagem. Além dos familiares mais próximos, nenhuma pessoa sequer tinha parado para lamentar. Pouco antes de morrer, Carlos estava tão perdido que os únicos amigos que tinham lhe restado eram os traficantes; e nenhum se deu ao trabalho de ir ao funeral. Foi a maior tragédia da vida de Mateo. Na infância, ele idolatrava o irmão.

Mas e se essa fosse a maneira perfeita de honrar Carlos...? Talvez até vingá-lo?

Ela estendeu a mão para Mateo, roçando os dedos em seu braço antes de abaixá-los.

— O que aconteceu com Carlos foi o pior tipo de tragédia, porque poderia ter sido evitado — disse ela. — Mas talvez a melhor forma de chamar atenção para ele e para outras pessoas que passam pela mesma coisa seja expor o que realmente acontece nesse universo. Um trabalho assim me daria a chance de fazer isso.

Mateo franziu a testa. Ela teria que se esforçar mais.

Olhou o panfleto que ele ainda segurava, sabendo lá no fundo que estava certa. A resistência de Mateo só a deixava mais determinada.

— Eu detesto nossa tradição de culto às celebridades tanto quanto você. E concordo plenamente que esse mundo das casas noturnas é um festival de baixarias. Mas você não preferiria que eu fizesse alguma coisa para trazer tudo isso à tona? Não é melhor do que ficar sentado reclamando?

Ainda que ele não necessariamente concordasse, também não estava discutindo. Uma pequena vitória que Layla ficava feliz por conquistar.

— Não tenho nenhuma ilusão de que vou vencer a competição. Cara, eu nem ligo para isso. Mas, se conseguir entrar no jogo, vou ter toda a munição necessária para revelar a fraude que é esse mundo. Se conseguir fazer só um jovem parar de idolatrar esses idiotas superficiais, carentes e indignos... Se conseguir convencer só um adolescente de que essas boates são sórdidas, perigosas, e de que é melhor ficar longe de tudo isso, minha missão estará cumprida.

Mateo olhou para o mar, analisando o horizonte por um bom tempo. Vê-lo de perfil, sombreado pelos últimos raios de sol, amoleceu seu coração. Ele a amava. Só queria o melhor para ela, inclusive mantê-la longe do mundo que matara seu irmão. Mas, por mais que o amasse, ela não o deixaria vencer.

Ele ficou mais algum tempo olhando a vista de cartão-postal do sol se pondo no mar antes de se virar para ela.

— Não aguento imaginar você se misturando com tudo aquilo. — Mateo fechou o punho, fazendo barulho ao amassar o panfleto. — Todo aquele mundo é uma mentira, e o Ira tem a reputação merecida de ser o pior tipo de cafajeste, que não dá a mínima para os adolescentes que enchem seu bolso. Ele só se importa consigo mesmo. Largaram o Carlos do lado de fora e o deixaram morrer na rua para não precisarem chamar a ambulância e fechar a boate naquela noite. Mas pode apostar que não pensaram duas vezes ao se beneficiar do escândalo.

— Mas a boate não era do Ira.

— Dá no mesmo. Carlos era um cara inteligente, e olha o que aconteceu com ele. Não posso deixar o mesmo acontecer com você.

— Eu não sou o Carlos.

No instante em que falou, ela se arrependeu profundamente. Teria feito qualquer coisa para retirar o que disse e engolir aquelas palavras.

— O que isso quer dizer?

Ela hesitou, sem saber como explicar sem ofendê-lo ainda mais.

— Estou indo com um propósito, um objetivo...

— Existem formas melhores de fazer isso.

— Diz uma. — Ela inclinou o queixo, tentando transmitir, por meio do olhar, que o amava mas que tinham chegado a um impasse.

Mateo jogou o panfleto na lata de lixo mais próxima e abriu a porta do carona como se aquilo encerrasse o assunto.

Mas não encerrava.

Nem de longe.

Layla já tinha decorado o site e o telefone.

Ela se aproximou. Detestava quando discutiam, e, além do mais, era inútil. Já havia tomado a decisão. Quanto menos ele soubesse sobre seu progresso, melhor.

Sabendo exatamente como distraí-lo, ela passou os dedos por sua coxa, recusando-se a parar até ele fechar as pálpebras, começar a respirar fundo e esquecer que Layla tinha se interessado em ser promotor das boates de Ira Redman.